

Deixar marcas na história do mundo

Novos passos de experiência cristã
Luigi Giussani, Stefano Alberto, Javier Prades

Capítulo I

O acontecimento cristão como encontro

3. O que é um acontecimento

Se a salvação do homem se dá de acordo com o método escolhido por Deus, como vimos no caso de André e João, e esse método é representado pelo acontecimento, é preciso esclarecer ainda mais essa palavra. Qual é a ontologia de um “acontecimento”? Que consistência e que significado tem? Imaginemos uma situação comum: dois jovens casam-se e, nove meses depois, têm um filho. Podemos dizer que se deu um acontecimento? Sim. Por mais que o tenham concebido e esperado, é evidente que aquele filho não foi “fabricado” por eles: a começar pelo fato de que os dois um dia se encontraram, decidiram ficar juntos e casar. Nesse sentido, portanto, poderíamos dizer que a criança é como um “acaso”.

Boécio, retomando Aristóteles, define o acaso como um efeito superior à soma das causas conhecidas. A propósito disso, dá o exemplo de um camponês que remexe a terra de um campo e encontra um tesouro enterrado.¹ O camponês queria lavrar o campo; a última coisa que ele pensava era encontrar um tesouro: tê-lo encontrado é um acaso, um efeito superior à soma das causas conhecidas. De fato, as causas antecedentes conhecidas pelo camponês não levam “necessariamente” à descoberta que fez; a frase “lavrando o campo, encontrarei um tesouro” não tem sentido, carece de razões. Todavia, uma vez descoberto o tesouro, aparece uma outra ordem de causas: já não temos apenas uma terra a cavar, mas também um homem rico, que, precisando fugir, enterrou ali um tesouro. É uma outra ordem de causas, antes desconhecida, das quais o camponês nada sabia. Podemos dizer, então, que a frase “lavrando o campo, encontrarei um tesouro” não é racional segundo a ordem das causas conhecidas, mas é perfeitamente racional de acordo com uma ordem de causas que a pessoa vem a descobrir depois. Por isso, conclui Boécio, o acaso pode ser definido como “evento imprevisível” (*inopinatum eventum*).²

“Acaso” remete a acontecer; a palavra “acaso” é o acontecimento expresso da maneira mais próxima da linguagem normal, do modo mais comum: acaso indica algo não previsto, não previsível, não dedutível da análise dos antecedentes. Em italiano, a palavra mais próxima de acontecimento (*avvenimento*), cujo sinônimo perfeito é a palavra “evento”, é, portanto, a palavra “acaso”: evento significa “vir de” (*e-venio*), *avvenimento* significa “vir a” (*ad-venio*); evento e acontecimento evocam mais o acaso que a necessidade, são palavras que beiram o Mistério.³

A própria criação é um acontecimento; aliás, é o primeiro e fundamental acontecimento.⁴ A dinâmica do acontecimento descreve cada instante da vida: a flor do campo que “o Pai veste melhor que ao rei Salomão” é um acontecimento; o passarinho que cai – “e o Pai celeste sabe” – é um acontecimento; “os cabelos contados da cabeça” são um acontecimento.⁵ Mesmo os céus e a terra, que existem há milhões de séculos, são um acontecimento, um acontecimento que se dá ainda hoje como novidade, já que sua explicação não pode ser esgotada. Vislumbrar uma “outra coisa” na

¹ Cf. A. Boécio, *De consolatione philosophiae*, v, prosa 1,12-19. Cf. Aristóteles. *Physica* II, 4-5 e *Ethica Nic.* III, 5.

² *Ibidem*.

³ A palavra portuguesa “acontecimento” permite uma análise semelhante, pois encerra a ideia de contingência (do latim, *ad-contingere*). Vale lembrar um sinônimo de acontecer com a mesma etimologia de *avvenimento*: o verbo advir.

⁴ Cf. L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., pp. 155-168.

⁵ Cf. Mt 6,25-34.

relação com tudo significa que a própria relação é um acontecimento;⁶ e, se o homem não olha para o mundo como algo “dado”, como um acontecimento, ou seja, a partir do gesto contemporâneo de Deus que o dá a ele, o mundo perde toda a sua força de atração, de surpresa e de sugestão moral, deixa de sugerir a adesão a uma ordem e a um destino das coisas.

O nascimento de uma criança, portanto, é acontecimento, a criação do mundo é acontecimento: todas as “realidades” têm como denominador comum o fato de o homem, em última instância, não poder explicá-las, não poder defini-las exaustivamente. Logo, o acontecimento pode ser definido como o surgimento de algo na experiência cuja totalidade de fatores não pode ser analisada, algo que tem em si um ponto de fuga para o Mistério e mantém a referência a uma incógnita, tanto assim que, como acabamos de dizer, poderíamos mesmo chamá-lo de “acaso”.

A esta altura, podemos definir a ontologia de um acontecimento como a transparência da realidade que se manifesta na experiência na medida em que provém do Mistério – provém, portanto, de algo que não podemos possuir nem dominar –. Nesse sentido, acrescentamos, o acontecimento, por natureza, é uma novidade. No acontecimento, algo novo entra em nossa vida: algo não previsto, não definido antes, não desejado por nós como meta de um projeto que pôr em prática, sempre “transbordado” para o imprevisível; aliás, tão “transbordado” para o imprevisível antes de acontecer, quanto preciso, visível, concreto, tangível, passível de ser abraçado de fato, quando acontece. Quando acontece, um acontecimento é o que é, está aí, pode ser experimentado, visto, tocado.

Nesse caso, o mistério da Encarnação é um Acontecimento que, embora não previsto, não podendo ser previsto ou imaginado pelo homem, se revela supremamente “conveniente”, ou seja, correspondente às exigências mais próprias da natureza humana.

Se não compreendemos e não usamos o termo “acontecimento”, não compreendemos também o cristianismo, que assim se reduz imediatamente a palavra, a obra do homem, a resultado de uma atividade humana.

Acontecimento, portanto, indica o contingente, o aparente, o que pode ser experimentado enquanto aparente, enquanto nascido do Mistério, como dado, não no sentido científico, mas no sentido profundo e original da palavra: “dado”, algo que é dado. Acontecimento, enfim, é um fato que surge na experiência revelando o Mistério que o constitui.

4. Uma dificuldade em compreender. A posição originária não se mantém

“Acontecimento”, porém, é a palavra mais difícil de ser entendida e acolhida pela mentalidade moderna e, por conseguinte, também por cada um de nós. De toda a linguagem cristã, nada é recebido com maior resistência que a palavra “acontecimento”, salvo por quem é puro de coração e criança na alma. Pretendemos identificar com essa palavra tanto uma posição ideal (Cristo é o ideal da vida) como uma posição doutrinal (Cristo é a consistência de tudo).⁷ A coisa mais difícil de aceitar é que seja um acontecimento aquilo que nos desperta para nós mesmos, para a verdade da nossa vida, para o nosso destino, para a esperança, para a moralidade.

A palavra “acontecimento” indica uma “coincidência” entre a realidade que pode ser experimentada e o Mistério. O acontecimento é algo novo que entra na experiência que uma pessoa está fazendo. Por “entrar” na experiência, é objeto de razão e, por isso, sua afirmação é racional; por ser “novo”, implica que a razão se abra para além de si mesma: é o aparecimento do Mistério. “Acontecimento” indica a “coincidência” entre realidade e Mistério, entre experiência normal e Mistério.

Reconhecer que a realidade procede do Mistério deveria ser algo familiar à razão, já que é justamente no reconhecimento da realidade tal como é, ou seja, como Deus a desejou, e não reduzida, achatada, sem profundidade, que encontram correspondência as exigências do “coração” e

⁶ Cf. L. Giussani, *Por que a Igreja*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, pp. 333-334.

⁷ Cf. Cl 1,17.

se realiza até o fundo a possibilidade de razão e de afeição que nós somos. De fato, a razão, por seu dinamismo original, só se pode realizar reconhecendo que a realidade mergulha suas raízes no Mistério. A razão humana atinge seu ponto mais alto, é realmente razão, portanto, quando reconhece as coisas pelo que são, e as coisas são enquanto procedem de Outro. Que intensidade é prometida à vida daquele que percebe, a cada instante, a relação que tudo possui com a origem! Cada instante tem uma relação definitiva com o Mistério, e assim nada se perde: existimos para isso, e essa é a nossa felicidade.

Há, porém, uma ferida no coração em decorrência da qual algo se distorce no homem e ele não consegue, apenas com suas forças, permanecer na verdade, fixando sua atenção e seu desejo em coisas particulares e limitadas. O desígnio originário, aquilo para que o homem é criado, foi alterado pelo uso arbitrário da liberdade; os homens tendem, assim, a um aspecto particular, que, desconectado do todo, passa a ser identificado com a finalidade da vida. A experiência de todos os dias é que os homens tendem a identificar a totalidade da vida com algo parcial e limitado. E escapar a essa parcialidade não está em nossas mãos: nenhum de nós consegue, sozinho, reconquistar um olhar verdadeiro para a realidade.⁸

5. O senso religioso e a fé

A incompreensão e a hostilidade da mentalidade moderna ante a palavra “acontecimento” refletem-se na redução da concepção da “fé”. Recusando-se preconceituosamente a levar em consideração o método escolhido por Deus para responder à exigência de significado total do homem – um Fato no tempo e no espaço –, a mentalidade moderna confunde “senso religioso” e “fé”. Retomemos, então, suas dinâmicas respectivas, para distingui-los.

Em cada “eu” humano que se observa a si mesmo em ação em seu presente vivo e ativo, o *senso religioso* identifica-se com o caráter último da experiência existencial, ou seja, o nível dos desejos inextirpáveis, das exigências irredutíveis que todo homem percebe como constitutivas de seu ser.⁹ Esses fatores últimos, que estruturam a vida do homem, têm a amplitude da relação com o infinito: não podem ser definidos pela imaginação, porque têm uma capacidade de relação infinita. Esses fatores provêm do poço profundo do qual o nosso eu extrai sua origem e, em sua atividade, tendem de novo, da superfície do aparente, ao poço profundo da origem, do Ser.

O senso religioso nada mais é senão a demanda de totalidade constitutiva de nossa razão presente em cada ação, uma vez que, a cada ação, o homem é provocado por uma necessidade. Sendo tal necessidade determinada por um aspecto das exigências do coração, sua resposta verdadeira e exaustiva é incomensurável. Logo, o senso religioso é a razão como consciência da realidade total.¹⁰ Senso religioso e razão são, portanto, a mesma coisa. O senso religioso coincide com a razão em seu aspecto profundo de propensão incansável ao significado último da realidade.¹¹ Assim, o senso religioso aparece como a mais autêntica aplicação do termo razão, indica seu ímpeto ilimitado, como sede de totalidade. É esse ímpeto ilimitado para o infinito o que impele a razão a interessar-se por todos os fatores da realidade. O objeto próprio desse ímpeto é o porquê último do presente, a origem última de cada aspecto particular e de si. Toda e qualquer “religiosidade” nasce, portanto, da exigência de significado total, manifestando-se como intuição experimentada do Mistério, enquanto resposta incomensurável a essa exigência. Ante essa incomensurabilidade enigmática, é como se o homem procurasse um terreno mais adequado a sua medida sobre o qual

⁸ Sobre as reduções produzidas pela modernidade, cf. “Tu o dell’amicizia. Appunti dalle meditazioni di Luigi Giussani e Stefano Alberto”, suplemento da revista *Litterae Communiois Tracce*, n. 6, Milão, 1997, pp. 5ss e 14ss; “Il miracolo del cambiamento. Appunti dalle meditazioni di Luigi Giussani”, suplemento da revista *Litterae Communiois Tracce*, n. 7, Milão, 1998, pp. 14ss e 31ss.

⁹ Cf. L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., pp. 59-67.

¹⁰ Cf. *ibidem*, p. 91.

¹¹ Cf. *ibidem*, p. 152.

edificar o “lugar” de sua relação com o Mistério.¹² É aqui que surgem as “religiões”: estas representam o conjunto expressivo do esforço criativo que o homem sempre fez para imaginar sua relação com o Mistério.¹³

Para o homem moderno, a “fé” seria genericamente apenas um aspecto da “religiosidade”, um tipo de sentimento com o qual viver a busca irrequieta da sua origem e do seu destino, o que é justamente o elemento mais sugestivo de qualquer “religião”. Toda a consciência moderna trabalha para arrancar do homem a hipótese da fé cristã e para reduzi-la à dinâmica do senso religioso e ao conceito de religiosidade, e essa confusão penetra infelizmente também na mentalidade do povo cristão.

Bem diferente, no entanto, é a dinâmica da *fé* tal como se manifesta na revelação cristã. Neste caso, já não é a nossa razão que explica, mas é a nossa razão que se abre à revelação mesma de Deus – percebendo-se, assim, realizada em sua própria dinâmica. Desse modo, o mistério divino comunica sua natureza, “seus pensamentos” e “seus caminhos” manifestando-se no tempo e no espaço. Enquanto a religiosidade nasce da exigência de significado despertada no impacto com a realidade, a fé é reconhecer uma presença excepcional, totalmente correspondente ao próprio destino, e é aderir a essa Presença. A fé é reconhecer como verdade aquilo que uma Presença histórica diz de si mesma.

A fé cristã é a memória de um fato histórico em que um Homem disse de si mesmo uma coisa que outros aceitaram como verdadeira e que hoje, graças à maneira excepcional como esse Fato ainda me alcança, eu também aceito. Jesus é um homem que disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”.¹⁴ É um Fato que ocorreu na história: uma criança, nascida de uma mulher, registrada no cartório de Belém,¹⁵ que, chegando à vida adulta, anunciava ser Deus – “Eu e o Pai somos um”.¹⁶ Dar atenção ao que fazia e dizia esse homem, de modo a conseguir dizer: “Eu creio neste Homem”, aderir à Sua presença afirmando como verdade o que ele dizia: isso é a fé. A fé é um ato da razão movida pela excepcionalidade de uma Presença, que leva o homem a dizer: “Este que está falando é verdadeiro, não diz mentiras, aceito o que ele diz”.

Imaginem que desafio representa a pretensão da fé para a mentalidade moderna: a existência de um homem – a quem posso dizer “tu” – que diga: “Sem Mim, nada podeis fazer”,¹⁷ ou seja, a existência de um Homem-Deus. Já ninguém se confronta até o fundo com essa pretensão; hoje, nem o povo nem os maiores filósofos enfrentam esse problema, e, se o enfrentam, é para consolidar o preconceito negativo que deriva da mentalidade dominante.

Em outras palavras, a resposta ao problema cristão – “Quem é Jesus?” – é deduzida de concepções pré-constituídas sobre o homem e sobre o mundo. Jesus, porém, replica a isso: “Vede as minhas obras”, ou seja, “vede-me a mim”, que é a mesma coisa.¹⁸ No entanto, Jesus não é encarado, mas eliminado antes de ser tomado em consideração.¹⁹ A não crença, portanto, é um corolário que deriva de um preconceito, é um preconceito aplicado, não o ponto de chegada de uma investigação racional.

6. O acontecimento cristão tem a forma de um “encontro”

Para que o reconhecessem, Deus entrou na vida do homem como homem, segundo uma forma humana, de modo que o pensamento, a capacidade de imaginação e a afetividade do homem foram como que “agarrados”, magnetizados por Ele. O acontecimento cristão tem a forma de um

¹² Cf. L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 25-26.

¹³ *Ibidem*, pp. 33-42.

¹⁴ Jo 14,6.

¹⁵ Cf. Lc 2,1-7.

¹⁶ Jo 10,30.

¹⁷ Jo 15,5.

¹⁸ Cf. Jo 10,15-16.31-38.

¹⁹ Cf. L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., pp. 31-36.

“encontro”: um encontro humano na realidade banal de todos os dias.²⁰ Um encontro humano no qual aquele que se chama Jesus, aquele homem nascido em Belém num momento preciso do tempo, se revela significativo para a vida. O rosto de Jesus no acontecimento cristão tem o aspecto concreto de rostos humanos, de companheiros, dos homens que Ele escolheu, exatamente da mesma forma como, nos vilarejos da Palestina a que não podia chegar, Jesus adquiria o rosto dos dois discípulos que enviava,²¹ chegava até lá “por trás” do rosto daqueles dois que escolhera. E era a mesma coisa, sem tirar nem pôr: “Mestre, aquilo que fazes acontecer, nós também o fizemos acontecer”.²² Idêntico: “Cumpru-se o tempo, e está próximo o Reino de Deus”.²³

O acontecimento cristão tem a forma de um encontro: é algo que penetra nossos olhos, que toca nosso coração, que podemos envolver com nossos braços. Para André e João, como para cada um de nós e para cada homem que ouve falar dele, é um encontro. Um encontro como o de um homem que, andando pela rua com seu filho pela mão, se depara com um amigo que caminha do outro lado da rua e grita: “Olá! Como vai? Como vai sua mulher?” E depois diz ao filho: “Diga boa noite”; e o menino: “Boa noite!” Trata-se de um encontro nem um milímetro menos concreto que esse.

O acontecimento cristão tem a forma do encontro com uma realidade física, corporal, feita de tempo e espaço, na qual Deus feito homem está presente, e que d’Ele é sinal. É o encontro com uma realidade presente, viva, integralmente humana, cujo significado exaustivo é ser sinal visível da presença de Cristo, do Deus-feito-homem. Por isso, o encontro é deparar-se com uma realidade sagrada, é o advento do Mistério que se mostra evidentemente presente dentro da precariedade de um semblante humano concreto. Esse encontro é o que polariza a nossa vida constantemente, é o que dá significado e síntese à nossa existência. Fora dele, não há nenhuma outra fonte de consciência de novidade na vida. Nele, o acontecimento do Mistério presente toca a nossa vida e a torna parte de um fluxo contínuo de novidade.

O impacto com algo irredutivelmente diferente

O que caracteriza o fenômeno do encontro é uma diferença qualitativa, uma diferença de vida perceptível. O encontro é deparar-se com uma diversidade que atrai porque corresponde ao coração; passa, por conseguinte, pela comparação e pelo juízo da razão, e suscita a liberdade, em sua afetividade.

O encontro estabelece o impacto com uma diversidade, coincide com a experiência de uma diferença que impressiona. Mas diferença em relação a quê? Em relação à mentalidade comum, à maneira usual de conceber o que desejamos, à maneira “normal” de entrar em relação com a realidade, em todos os seus detalhes. O que impressiona e move são pessoas, rostos, com uma identidade que parece mais verdadeira, mais correspondente ao coração, não determinada por toda a trama de fatores que compõem o clima social favorecido pelo poder e sofrido por todos.

A pessoa com quem nos deparamos torna-se “encontro” quando a vemos empenhada de um modo “diferente” – com uma diversidade que atrai – com as coisas comuns a todos, ou seja, quando, falando, comendo, bebendo, a pessoa torna perceptível e oferece à nossa existência uma diferença qualitativa, de tal modo que, quando a deixamos, vamos embora tocados pelo fato de comer e beber terem um significado absoluto e de uma palavra dita numa brincadeira ter um valor eterno.²⁴ Quem sabe como deviam ficar profundamente impressionadas as pessoas que viam e ouviam Cristo! Basta pensar em João e André, diante daquele homem, ali parados, olhando para ele

²⁰ Cf. L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006, pp. 113-127 e pp. 159-185.

²¹ Cf. Lc 10,1-16; cf. também L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., pp. 40-43.

²² Cf. Lc 10,17.

²³ Mc 1,15.

²⁴ Cf. L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., pp. 310-312.

enquanto falava (pois não entendiam o fundo de seus pensamentos, não entendiam todas as suas palavras): eles nunca tinham tido um encontro daquele tipo, jamais poderiam ter imaginado um olhar, um abraço e uma escuta tão humanos, tão completa e integralmente humanos, que traziam em si algo estranho, totalmente gratuito, excepcional, que superava qualquer capacidade de previsão que pudessem ter. Graças àquela excepcionalidade, era fácil reconhecê-lo como presença divina: correspondia ao coração. Quem se deparava com Ele tinha vontade de nunca ir embora – e esse é realmente o sinal da correspondência experimentada –. O encontro é deparar-se com uma presença como essa, excepcional.

O encontro é um fato histórico totalizante

A palavra “encontro” traz consigo a categoria da historicidade; é essa categoria, precisamente, que lhe dá sustentação e consistência. O encontro, portanto, é um fato histórico, acontece num instante preciso da vida, remete sempre a um momento específico de nossa existência. O encontro, que marca o início de um caminho, é um momento feito de tempo e espaço, acontece numa “hora” precisa, que podemos marcar no relógio. E a vida toda é dada para aprofundar esse momento.

Voltemos a Simão, quando se aproximava de Cristo, curioso para ver quem era. Assim que chega, Cristo olha para ele e diz: “Tu és Simão, filho de João. Tu te chamarás Pedra”.²⁵ Cristo olha para ele penetrando-o, até captar seu caráter. Imaginemos o que nasceu então naquele homem rústico e cordial: imediatamente, a figura de Cristo, por cujo olhar se tinha sentido abraçado na profundidade de seu ser, fixou-se como o horizonte total da vida. Procuremos imaginá-lo quando voltou para casa, para sua mulher e seus filhos: era como se estivesse “distraído”, todo concentrado no encontro que acabara de lhe acontecer, pois aquele encontro definia tudo, por mais que ainda não tivesse consciência disso. Não é que por esse motivo ele “deslizasse para fora” da relação com a mulher e com os filhos (é claro que em alguns momentos deve até ter-se distraído propriamente, em razão do que lhe acontecera); mas aquele encontro era algo que o tornava diferente, mais verdadeiro, com a esposa e com os filhos.

O encontro que deu início ao nosso caminho tem as mesmas características, é definitivo e totalizante, a ponto de todos os pormenores da história que vivemos fazerem parte dele. O conteúdo da fé – Deus feito homem, Jesus Cristo morto e ressuscitado – que se manifesta num encontro, e por conseguinte num ponto da história, abraça todos os seus momentos e aspectos, que, como que arrastados por um redemoinho, são levados para dentro desse encontro e devem ser enfrentados de seu ponto de vista, segundo o amor que nasce dele, segundo a possibilidade de utilidade em relação ao próprio destino e ao destino do homem que esse encontro sugere. O encontro que tivemos, totalizante por natureza, torna-se com o tempo a forma verdadeira de todos os relacionamentos, a forma verdadeira com que olhamos para a natureza, para nós mesmos, para os outros, para as coisas. Um encontro, se é totalizante, torna-se forma e não simplesmente âmbito de relações: não estabelece apenas uma companhia como lugar de relações, mas é a forma com que estas são concebidas e vividas.

²⁵ Cf. Jo 1,42.